

De quem nós/a gente está(mos) falando afinal?: variação sincrônica de estratégias de designação referencial no uso da primeira pessoa do plural

Ivanilde da Silva (UFSC)¹

¹ Centro de Ciências da Comunicação – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

ivabsilva2002@yahoo.com.br

Resumo. A partir das análises e da descrição dos dados coletados sob os pressupostos teóricos e metodológicos da sociolinguística variacionista, os resultados gerais da utilização dos pronomes nós e a gente e suas respectivas realizações –mos e zero apontam mudança na medida em que o pronome a gente se estabiliza como pronome pessoal. Ele, aos poucos, disputa espaço também no campo da determinação, concorrendo com o pronome nós. Pretendemos mostrar sob as concepções teóricas de Benveniste (1988 e 1989); Mondada e Dubois (1995/2003), Apothéloz (1995/2003) e Milner (1995/2003) que os pronomes nós e a gente são multirreferenciais, ou seja, eles podem designar, dentro de uma escala de possibilidades, pessoas do discurso e referentes genéricos. As amostras dessa pesquisa foram constituídas por 32 entrevistas, 16 colhidas na cidade de Blumenau/SC, da fala de profissionais, alguns deles vinculados a um hospital da mesma cidade no período de 2001 a 2002; e os demais dados de fala foram coletados do Programa do Jô, atração televisiva veiculada pela Rede Globo de Televisão no período de 2003 a 2004. Os informantes dessas amostras de fala possuem grau de escolaridade superior, classificados de acordo com o sexo e duas faixas etárias.

Resumen. A partir de las análisis y de la descripción de los datos colectados en virtud de los supuestos teóricos y metodológicos de la sociolinguística variacionista, los resultados generales del uso de los pronombres “nós” y “a gente” y sus respectivas realizaciones – mos y cero a cambio de que el pronombre “a gente” estabilizase como un pronombre personal. Él, poco a poco, disputa espacio también en el ámbito de la determinación, compitiendo con el pronombre “nós”. Enseñaremos en virtud de los conceptos teóricos de Benveniste (1988 y 1989); Mondada y Dubois (1995/2003), Apothéloz (1995/2003) y Milner (1995/2003) que los pronombres “nós” y “a gente” están multireferenciales, o sea, ellos pueden nombrar, dentro de un abanico de posibilidades, gente de los discursos y de los referentes genéricos. Las muestras de esta investigación fueron realizadas por 32 entrevistas, 16 cosechadas en la ciudad de Blumenau / SC, de la habla de profesionales, algunos de ellos vinculados a un hospital en la misma ciudad, en el período comprendido entre 2001 y 2002; los otros datos de habla fueron colectados en el Programa do Jô, atracción televisiva de la Rede Globo de televisión, en el período 2003 a 2004. Los informantes de las muestras posuen grado de la enseñanza superior y fueron clasificados según el sexo y dos grupos de edad.

Palavras-chaves: variação, mudança e multirreferencialidade

1. Teoria e metodologia Variacionista

A noção variável de elementos lingüísticos levou Weinreich, Labov e Herzog (1968) a refletirem sobre os mecanismos que motivam a variação e a mudança nas línguas.

Para isso, os dados de fala, por exemplo, são tratados como *variáveis lingüísticas sistematizadas*, quantificadas e posteriormente analisadas com o propósito de descrever *a gramática da língua em uso*, cujos falantes fazem parte de uma determinada comunidade lingüística, socialmente estratificada por distinções de *sexo, faixa etária, escolaridade, ocupação, classe econômica, etnia* etc.

Recorrentes na fala como dois recursos para expressar o sujeito, os pronomes **nós** e **a gente** (e suas respectivas realizações: *-mos* e *zero*) são considerados, neste trabalho, como variantes da mesma variável que dentro do mesmo contexto possuem *o mesmo valor de verdade referencial* (Cf. Labov, 1972).

As expressões **nós** e **a gente** (e suas realizações) podem designar diversos referentes, tanto específicos quanto genéricos, por isso a proposta que segue tem o objetivo de caracterizá-las como intercambiáveis na posição de sujeito que remetem *ao mesmo estado de coisas*, apesar de possuírem características multirreferenciais, se observados em *um contexto mais amplo* de ocorrência, conforme mostra o exemplo de fala abaixo:

- (01) ... então isso **nós chamamos** de linha não-invasiva, talvez uma das linhas mais importantes ... ahhh **temos** um teste [...] que é o exame que eu faço, que é um exame que **nós estudamos** as “síncope visuais”, [...] **a gente sabe** que as síncope visuais elas podem ser causadas por n causas, né /.../ (Cardiologista, 37 anos, amostra de Blumenau).

O informante ao falar de cirurgias cardíacas utiliza o pronome **nós** para nomear a classe *cardiologistas*. Na seqüência, ao informar que a clínica na qual trabalha possui um determinado teste, o falante para nomear *os profissionais da clínica hospitalar* emprega a forma despronominalizada **-mos** e posteriormente **nós** pode designar *os cardiologistas da unidade hospitalar* ou *eu/emissor*, por exemplo, e ao mudar novamente o referente, alterna também a forma pronominal para **a gente** que nomeia a classe *cardiologistas*.

Em virtude da *multivariabilidade referencial* de **nós/a gente** (e suas realizações), duas alternativas serão propostas para tentar “desproblematizar” a incompatibilidade conceitual de regra variável que estabelece como princípio *a veiculação do mesmo significado referencial para duas ou mais formas intercambiáveis no mesmo contexto de atuação*.

Os quadros abaixo propõem duas alternativas para o problema da multirreferencialidade dos pronomes em questão. No primeiro caso, há várias regras atuando e no segundo há uma regra variável que dentro do mesmo domínio funcional mantém o mesmo estado de coisas:

Uma regra variável para cada significado

Nós/a gente/-mos/zero=eu
Nós/a gente/-mos/zero=eu+tu
Nós/a gente/-mos/zero=eu+ele
Nós/agente/-mos/zero=eu+eles (eu+SN)
Nós/a gente/-mos/zero=eu+tu+eles
Nós/a gente/-mos/zero=genérico

Quadro 1. contexto: posição do sujeito

Uma regra variável apenas

Nós/a gente = eu
(-mos/zero) = eu+tu;
= eu+tu+ele(s);
= eu+ele;
=eu+eles (eu+ SN)
= genérico

Quadro 2. contexto: posição do sujeito

Com base em Silva (1992: 36), a proposta para este trabalho é a do quadro 2 em que a investigação seria o processo de (*in*)*determinação do referente* que se manifesta através das expressões distintas de sujeito, **nós** e **a gente** (e suas realizações *-mos* e *zero*). Assim, o falante tem formas diferentes para expressar o sujeito, veiculando uma *escala* de significados, *específicos* e *genéricos*. Tanto os pronomes em questão quanto os significados devem estar dentro do mesmo *domínio funcional*¹, ou seja, cada vez que as expressões de sujeito **nós** e **a gente** designarem o mesmo estado de coisas preservam o mesmo referente. Há uma regra variável atuante, na posição de sujeito, para veicular o mesmo valor referencial: *as pessoas em geral, uma classe médica, eu/emissor, eu+tu*, entre outras possibilidades, tornando-os objetos camaleônicos, variantes de uma mesma variável.

Para isso, *os processos de referenciação* serão abordados com base em Apothéloz (1995/2003); Mondada e Dubois (1995/2003); Milner (1995/2003); Koch e Marcuschi (1998), Marcuschi (2000, 2003, 2004), entre outros autores, para fundamentar a peculiaridade *multirreferencial* dos pronomes **nós** e **a gente** em contextos orais.

2. Processos de referenciação

Os processos de referenciação, categorização e inferenciação são “mecanismos”, “formas” pelas quais os sujeitos “dizem” o mundo, *aparentemente*, elaborado, discretizado e estabilizado.

O sujeito, na medida em que efetua suas práticas discursivas e cognitivas, constrói versões públicas sobre a realidade que o circunda. Assim, os objetos de discurso e as categorias² são transformados, tanto na oralidade quanto na escrita, sejam

¹ Por *domínio funcional* está se entendendo o *domínio discursivo* em que co-ocorrem as expressões de sujeito **nós** e **a gente**.

² A noção dos estudos sobre categorização de objetos, concretos e abstratos, partiu de pressupostos teóricos clássicos. A idéia central desses estudos foi testar *empiricamente* (Rosch, 1975) e comprovar como o sujeito organizava/categorizava suas experiências. Partiu-se daí a noção de que entidades poderiam ser classificadas/categorizadas pelos indivíduos por possuírem propriedades comuns, regra *necessária* e *suficiente* para que fizessem parte de uma mesma classificação categorial (cf. Lakoff, 1987).

essas modalidades faladas e escritas de cunho científico ou cotidiano (cf. Mondada e Dubois, 1995/2003; Marcuschi, 2003, 2004).

Mondada e Dubois (1995/2003) propõem que os objetos podem ser modificados no processo colaborativo interacional, gerando *instabilidades e decategorizações* que não são somente casos de *variação individual* ou *subjetiva*, mas processos ligados a domínios *intersubjetivos* das ações discursivas e cognitivas. Sua abordagem sobre *os processos de referência e categorização*, base em teorias lingüísticas e cognitivas, têm em comum a concepção da *intersubjetividade das práticas discursivas e cognitivas* que entre outros fatores de ordem não-estrutural são responsáveis pela falsa percepção de um mundo real, pronto, discretizado e estabilizado.

A proposta dessa abordagem se respalda nas práticas discursivas, tanto nas faladas como nas escritas, em que o sujeito *sócio-cognitivo*, concebido como um ator social situado³, discretiza as entidades transformando-as em objetos de discurso e categorias. As entidades ou os objetos da realidade, aparentemente prontos, dão significação às duas dimensões, mental e extramental, construídas, no meio social e cultural, a partir do individual e da interação com o outro.

Na verdade, o objeto, “aparentemente” pronto, torna-se objeto de discurso e, assim, se modifica de acordo com as necessidades comunicativas do falante, o sujeito constrói *o objeto* mesmo que, em muitos casos, o referente não esteja explícito no cotexto, mas pode ser identificado através de pistas contextuais, como por exemplo, o uso de expressões dêiticas: *isto, aqui, neste momento*, entre outras, como a utilização de *demonstrativos* que tem a função de evocar a referência no próprio texto (cf. Apothéloz, 1995/2003: 70).

As estratégias de designar diferentes referentes, por exemplo, como são os casos de **nós** e **a gente**, são interessantes de serem observados porque abarcam *multissignificações* no desenrolar de atividades comunicativas. O que se observa na fala é que uma mesma forma pronominal pode abarcar uma variedade de referenciais, específicos e genéricos, elaborados nas negociações entre interlocutores, podendo designar o mesmo objeto ou, em certos casos, a entidade pode se tornar tão imprecisa que sua referência propicia inúmeras interpretações. Assim, contextos opacos podem ser encontrados em predicacões que envolvem mudanças de sentido, e, portanto, exigem cuidado na identificação referencial. É o que mostra a ilustração abaixo:

- (02) exatamente, exatamente ... tem um livro até o século XVI é recente que **nós conseguimos** em que nesse livro fala que Babilônia, se existiu, note o se, ela foi fundada com o cristianismo. Então Nabuco Donosor seria uma lenda. A Bíblia fala do rei Nabuco Donosor (Arqueologista, +50 anos, Programa do Jô).

No trecho de fala acima, o professor de Arqueologia não deixa evidências co(n)textuais para a identificarmos o referente, codificado pelo pronome **nós**. Ele tanto pode estar designando *o eu/emissor* quanto *outras pessoas* que conseguiram adquirir o livro citado. Esse pronome pode até designar *eu*, mas, se a análise recair sobre todo, *o evento comunicativo* (conteúdo total da entrevista), **nós** pode estar abarcando também outros indivíduos que trabalham com Arqueologia, História ... equipes de trabalho em universidades, parcerias etc.

³ Culturalmente e socialmente em uma determinada comunidade.

O interessante é: como saber a que o falante está se referindo, já que o referente, muitas vezes, não está explícito no contexto? Qual a importância do contexto discursivo-pragmático, entre outros fatores de ordem não-estruturais, para a interpretação referencial já que formas pronominais como, por exemplo, **nós/a gente** são *multirreferenciais* e nem sempre o falante explicita nominalizações no texto precedente às formas pronominais utilizadas?

Isto quer dizer que *os processos referenciais* não se limitam ao âmbito puramente sintático ou lexical. Em muitos casos, fatores não-estruturais são essenciais para a interpretação de referente(s). Por exemplo, os pronomes **nós** e **a gente** caracterizam-se na fala pela repetição lexical, no entanto, devido ao seu caráter multirreferencial, o conteúdo referencial progride conforme o desenvolvimento temático construído no desenrolar do discurso, por isso, podem designar os mesmos ou diferentes referentes por suscitarem assuntos que se renovam ou se mantêm conforme as necessidades comunicativas do falante.

3. Constituição das amostras de fala – um banco de dados atípico

Para a investigação da multirreferencialidade de **nós** e **a gente**, duas amostras de fala de indivíduos com alto grau de escolaridade, constituídas *atipicamente*, serviram de *apoio empírico* para a investigação da recorrência das expressões de sujeito **nós** e **a gente**, analisadas segundo o aparato teórico já abordado. A primeira amostra, constituída de vinte e cinco entrevistas, foi colhida entre os anos de 2001 e 2002, na cidade de Blumenau –SC, por uma jornalista que, na época, trabalhava em uma agência de publicidade, localizada na mesma cidade. A segunda amostra foi coletada do “Programa do Jô”, escolhido pela diversidade de personalidades que são entrevistadas. Dentre elas, foram selecionados alguns informantes que possuíam curso superior. Com relação à *faixa etária*, muitas vezes, o entrevistador perguntava a idade aos seus entrevistados, em geral, para homens. Caso contrário, a idade foi estabelecida, aproximadamente, de acordo com a aparência física dos informantes. Cabe salientar que essas entrevistas seguiram os critérios etários da amostra de Blumenau/SC. Foram coletadas vinte e duas entrevistas, no período de 2002 a 2004.

3.1 Resultados gerais das rodadas estatísticas

A distribuição geral da alternância entre os pronomes **nós** e **a gente** parece estar *estável*. O percentual obtido para a utilização da forma **a gente** foi de **51%**, para a forma **nós** o valor percentual foi de **49%**. Isto quer dizer que a variação entre as formas em questão está distribuída de maneira equilibrada.

3.2 Fatores Internos

3.2.1 Manutenção ou não do referente

Os resultados do grupo de fatores *manutenção ou não do referente* indicam que **a gente** tende a “aceitar” mais “tipos referenciais” em detrimento do pronome **nós** que parece sofrer *restrições referenciais* ao designar objetos como [eu+eles], por exemplo, conforme discutido anteriormente.

	Apl/Total	%	P.R.
FA a gente RI	160/222	72	0,71
<i>FA a gente RD</i>	41/58	71	0,68
<i>FA zero RI</i>	10/14	71	0,64
1 ^a referência	149/266	56	0,52
<i>FA nós RD</i>	8/22	36	0,32
<i>FA nós RI</i>	43/180	24	0,27
<i>FA –mos RI</i>	27/89	30	0,34
<i>FA –mos RD</i>	2/10	20	0,19
<i>Apl/Total</i>		440/861 ⁴	

Loglikelihood: -532.403 significance: 000 Input: .51

Tabela 1. Uso de nós e a gente segundo a Manutenção ou não do referente

Os valores percentuais de **a gente** como *dêixis* também reforçam o avanço dessa forma no campo da determinação referencial. **A gente** apresentou a frequência de uso de **74%** contra 26% de **nós**, já em retomadas anafóricas tanto **a gente** quanto **nós** atingiram o percentual de 50% de uso.

3.2.2 Multiplicidade referencial

O fato de este grupo de fatores ser selecionado pelo Pacote Estatístico Varbrul é importante por se tratar do estudo aqui proposto de caracterizar a multirreferencialidade dos pronomes **nós** e **a gente** que atuam como variantes de uma mesma variável em campos semânticos distintos. **A gente**, segundo Menon (1996), está totalmente integrado ao sistema pronominal, avançando no campo da determinação referencial, especializando-se como *eu/emissor* e *eu+tu* (cf. Zilles, 2003 e Borges, 2004). Nessa perspectiva, os resultados da tabela 3, descrita a seguir, apontam como alta a probabilidade de ocorrência da forma **a gente** designando referenciais específicos, *eu, eu+tu/eu+tu+eles*.

⁴ Cabe salientar que foi usado não se aplica (/) para o fator *forma antecedente zero* [Ø] com *novo referente*, por isso os dados não foram computados. Quanto aos fatores FA zero RI, FA nós RD e FA –mos RD, é importante ressaltar sobre a ocorrência de poucos dados.

	Apl/Total	%	P.R.
Eu	24/33	73	0,76
<i>Opacidade</i>	13/20	65	0,63
<i>Eu+tu/eu+tu+eles</i>	2/4	50	0,60
Genérico	168/299	56	0,58
<i>Eu+ele(s)</i>	236/508	46	0,43
<i>Apl/Total</i>		443/864	

Loglikelihood: -590.856 significance: .006 Input: .52

Tabela 2. Uso de a gente vs nós segundo a *Multiplicidade referencial*

3.2.3 Uso de preenchimento ou não do pronome-sujeito

A presença pronominal é contexto favorável para o **a gente** e também para o **nós**, embora este ainda dispute espaço com a desinência *-mos*. De acordo com os resultados gerais, o preenchimento do sujeito é bastante elevado, considerando a alta escolaridade dos indivíduos entrevistados que poderiam ter utilizado com mais frequência a desinência *-mos*, conforme as regras da gramática normativa.

	preenchimento	não-preenchimento
A gente	422/443	21/443
	95%	5%
Nós	287/421	134/421
	68%	32%
<i>Apl/Total</i>	709/864	155/864
	82%	18%

Tabela 3. Uso de *preenchimento* vs *não-preenchimento*

3.3 Fatores externos

Os valores dos grupos de fatores *idade* e *sexo* mostraram que indivíduos mais jovens utilizam com mais frequência a forma **a gente**. Da mesma maneira, os percentuais de uso de **a gente** segundo a variação nos indivíduos das duas amostras apontam esse mesmo comportamento, bem como o cruzamento entre *faixa etária* e *sexo* reforçam a tendência de mulheres utilizarem formas inovadoras, como o **a gente**, por exemplo.

3.3.1 Faixa etária

O segundo grupo de fatores selecionado pelo pacote estatístico Varbrul foi *a faixa etária* e de acordo com os resultados da tabela abaixo, a probabilidade de falantes mais jovens empregarem com mais frequência a forma **a gente** se confirma.

	Apl/Total	%	P.R.
25-40	269/422	64	0,62
+47	174/442	39	0,38
<i>Apl/Total</i>	443/864		

Loglikelihood: -572.657 significance: 000 Input: .52

Tabela 4. Uso de a gente vs nós segundo a Idade

Esta pequena amostra de fala confirma os resultados obtidos por autores, como Omena (1986), Lopes (1993), Borges (2004). Segundo Borges, a tendência de falantes mais jovens utilizarem com mais intensidade a forma **a gente** pode indicar *um processo de mudança em curso*, conforme ilustrado no capítulo 4 deste trabalho, reforçando os resultados apresentados na tabela acima.

3.3.2 Sexo

O grupo de fatores *sexo* foi o quarto fator mais significativo selecionado pelo pacote estatístico VARBRUL, indicando um forte condicionador da alternância entre as formas pronominais **nós** e **a gente**, apesar de as porcentagens indicarem um diferencial de apenas 5%, conforme mostra a tabela 7 abaixo:

	Apl/Total	%	P.R.
Feminino	204/381	54	0,57
<i>Masculino</i>	239/483	49	0,45
<i>Apl/Total</i>	443/864		

Loglikelihood:-597.896 significance: .242 Input: .52

Tabela 5. O uso de a gente vs nós segundo o Sexo

A diferença dos pesos relativos entre *os sexos* mostra a tendência favorável de **0,11** para as mulheres, que, geralmente, conforme apontaram as pesquisas citadas acima, são tidas como agentes de mudança lingüística, quando esta não está sujeita a sofrer estigma social.

Assim, de 381 dados, **204** são de **a gente**, utilizados por mulheres, obtendo a frequência de uso em 54% e a probabilidade de ocorrer em **0,56** contra 483 dados empregados por homens, desses **239** ocorrências são de **a gente** com a frequência em 49% e a tendência de uso em **0,45**. Os resultados apontam ligeira *estabilidade* no uso de **nós** e **a gente** entre homens e mulheres da faixa etária mais jovem. Da mesma forma, entre ambos os sexos da geração seguinte.

Os valores percentuais do gráfico exibido na seqüência deste trabalho apontam o uso do pronome **a gente**, por alguns indivíduos, como marcante. *Dez* dos dezesseis falantes mais jovens empregam a forma **a gente** com mais freqüência, ou seja, mais de 50% dos falantes mais jovens analisados nesta pesquisa utilizam o pronome **a gente** para expressar o sujeito.

Em contrapartida, *onze* indivíduos da faixa etária com *+de 47 anos* empregam com mais freqüência o pronome **nós**, e apenas *seis* utilizam o **a gente** com freqüência de uso elevada. É importante ressaltar que nenhum dos indivíduos deixa de usar completamente a forma pronominal canônica **nós** mesmo que nunca a realizem *formalmente* (isto é, sem a presença formal do pronome **nós**).

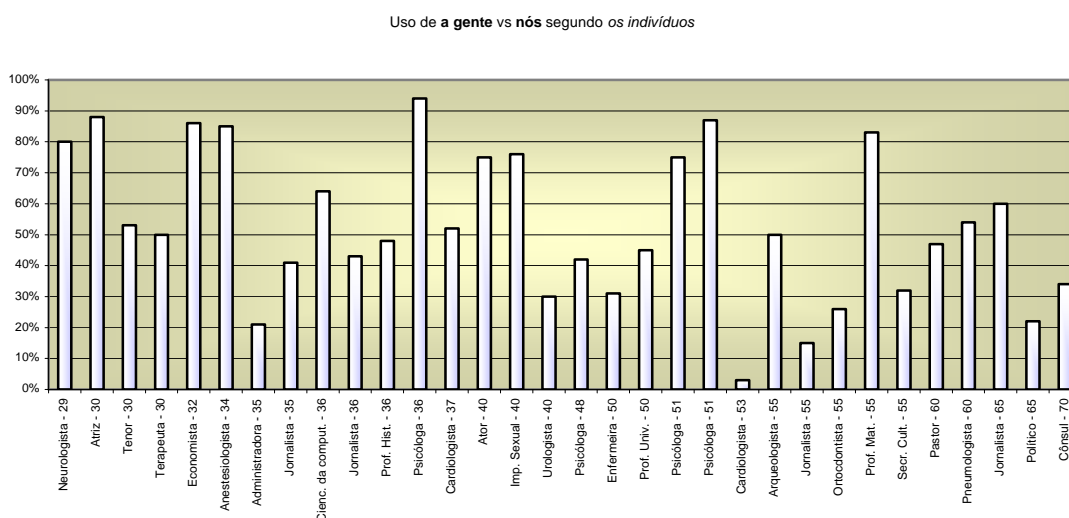


Figura 1.

4. Conclusão

O pronome **a gente** avança, consideravelmente, como estratégia para designar *referentes específicos*, como *eu* e *eu+tu*. No campo oposto, a variação entre **nós** e **a gente** parece estabilizada.

A gente é contexto favorável para *o preenchimento*, conforme mostra a freqüência de uso da tabela 5. Já o valor percentual de 68% de uso indica que o pronome **nós** ainda disputa espaço com a desinência *-mos*, 32%. Esses resultados apontam que na gramática do **a gente** não há nulos, ou seja, o PB caminha para *o preenchimento do sujeito* (cf. Duarte, 1993), mas com ressalvas no que concerne à forma pronominal **nós**. Os índices descritos acima mostram que a desinência *-mos* é ainda utilizada por falantes com alta escolaridade, ou pelos indivíduos das amostras analisadas.

Como a desinência *-mos* ainda é empregada, *minha hipótese*, a partir da leitura desses resultados e das pesquisas lidas, é de que o completo desuso da forma de realização *-mos* pode estar atrelada à extinção do pronome **nós**. Talvez o desaparecimento dessa forma pronominal ocorrerá quando as diferenças entre **nós** e **a**

gente não existirem mais, acarretando *o uso* de apenas uma delas, então, **a gente** atuará como única maneira de dizer a mesma coisa *no campo da indeterminação referencial*, por exemplo.

Cabe acrescentar aqui as reflexões de Tavares (2003) que postula que nos casos de mudança em curso *a estabilidade* de uma dada taxa de uso de variantes lingüísticas, sendo uma forma mais utilizada a cada geração de falantes, resulta, com o passar do tempo, *em mudança*. **A nós** ou **a gente** cabe esperar ...

5. Referências

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In.: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B.; Ciulla, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003/1995, p. 53-84.

BORGES, P. R. *A gramaticalização de a gente no português brasileiro: análise histórico-social lingüística da fala das comunidades gaúchas de Jaguarão e Pelotas*. Tese de doutorado. UFRS: Porto Alegre, 2004.

DUARTE, M. E. L. *Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil*. In: I. Roberts & M. A. Kato (orgs). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993, p. 107-124.

KOCH, I. V.; MARCUSCHI, L. A. *Processos de referenciação na produção discursiva*. D.E.L.T.A., vol.14, nº especial, 1998, p.169-100.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia. Univ. Press, 1972.

LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LOPES, C. R. S. *A inserção de a gente no quadro pronominal do português*. Tese de doutorado. UFRJ: 1999 (tese enviada por email)

MARCUSCHI, L. A. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In.: Dino Preti. *Projetos Paralelos* (Org.). *Fala e escrita em questão – NURC/SP* (Núcleo USP). Ed. Humanitas: São Paulo -USP, mar. 2000, p. 191-240.

MENON, O. P. S. *Analyse sociolinguistique de l'indétermination du sujet dans lê portugais parlé au Brésil, à partir des données du NURC/SP*. Université Paris VII, 1994.

MILNER, J-C. Reflexões sobre a referência e a correferência. In.: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B.; Ciulla, A. (Orgs) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003/1995, p.85-130.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In.: Cavalcante, M. M.; Rodrigues, B. B.; Ciulla, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003/1995, p. 17-52.

PAIVA, M. C. Sexo. In.: Mollica, C. M. (Org.). *Introdução à sociolingüística variacionista*. UFRJ, 1992, p. 69-73.

TAVARES, A. Introduzindo a sociolingüística variacionista. In.: *A gramaticalização de e, aí, daí e então*. Emergência e variação no domínio funcional da seqüenciação retroativo propulsora – um estudo sociofuncionalista. UFSC, 2003. p. 78-96.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. *Empirical Foundations for a Theory of Language Change*. Columbia University. Directions for Historical Linguistics: A symposium. University of Texas press, Austin (1968).

ZILLES, A. M. S. Real, apparent, or both? *Three types of evidence for a grammaticalization change in progress in Brazilian Portuguese*. 32 nd NWAVE – University of Pennsylvania. Philadelphia, October, 2003.